



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINE KOLAKOWSKI
ODAISA DE ALMEIDA

ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
IMPLICAÇÕES E DIFICULDADES NA SEPARAÇÃO ENTRE CUIDADOR¹ E O BEBÊ.

CHAPECÓ
2018

¹ Pessoa responsável pelos cuidados do bebê, tanto afetivos como fisiológicos, pelo maior período.

CAROLINE KOLAKOWSKI

ODAISA DE ALMEIDA

**ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
IMPLICAÇÕES E DIFICULDADES NA SEPARAÇÃO ENTRE CUIDADOR E O BEBÊ.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul .

Orientador/a: Profª Dra. Alessandra Bonassoli Prado

CHAPECÓ

2018

**Caroline Kolakowski
Odaia de Almeida**

**Adaptação de bebês na educação infantil: implicações e dificuldades na separação
entre cuidador e o bebê.**

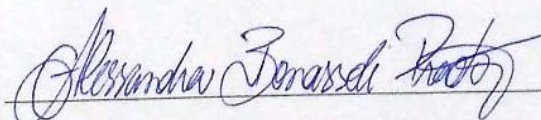
Projeto de pesquisa apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profª Dra. Alessandra Bonassoli Prado.

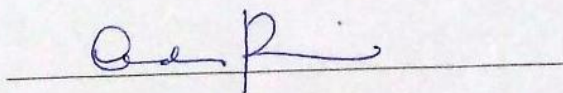
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

21/06/2018

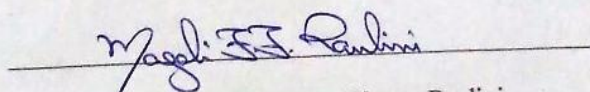
BANCA EXAMINADORA:



Profª Dra. Alessandra Bonassoli Prado



Profª Dra. Andréa Simões Rivero



Profª Magali Fátima Fávero Paulini

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca do processo adaptativo de bebês na educação infantil. O interesse para realização deste estudo partiu da experiência de estágios não obrigatórios vivenciados por nós, pesquisadoras, em instituições de educação infantil, tanto em CEIMs (Centro de Educação Infantil Municipal) quanto em instituições privadas. Para elucidar essas questões, utilizamos o referencial teórico da teoria do apego de John Bowlby – principal autor – juntamente com outros estudiosos como Andrea Rapoport, Telma Vitória e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. O presente artigo constitui-se de uma pesquisa qualitativa-exploratória sobre o período de adaptação dos bebês na educação infantil, através da perspectiva de seu cuidador principal, considerando as implicações e dificuldades na separação entre ele e o bebê. Além disso, apresentamos mudanças que ocorreram na educação infantil até os dias de hoje; detalhamos aspectos relativos à teoria do apego de John Bowlby e sua importância para a educação infantil; abordamos a questão sobre a escolha de cuidados alternativos para os bebês; e, por fim, consideramos o processo de adaptação e a relação mãe-bebê. A presente pesquisa foi realizada em duas turmas de berçário, com bebês de idades entre 4 meses e 1 ano e 4 meses, em duas instituições de educação infantil do município de Chapecó-SC, sendo uma municipal e outra particular. Para a realização da investigação, utilizou-se o recurso de um questionário contendo perguntas abertas que foram entregues a aproximadamente 57 cuidadores de bebês que estão em processo de adaptação nas instituições de educação infantil. Por fim, esperamos que as reflexões feitas nesta pesquisa possam trazer benefícios para as pessoas que estão passando por esse processo, ou seja, esperamos que a realização deste estudo oportunize reflexões mais claras sobre esse período, apresentando um olhar sobre as possibilidades que emergem desse cenário.

Palavras-chave: Adaptação. Bebê. Cuidador. Apego.

ABSTRACT

This work presents some reflections on the adaptive process of infants in early childhood education. The interest to carry out this study was based on the experience of non-obligatory internships that we, the researchers, carried out at child education institutions, both at CEIMs and private institutions. To clarify these issues, we use the theoretical structure of attachment theory of John Bowlby - main author - along with other scholars like Andrea Rapoport and Telma Vitória and Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. This article is an exploratory qualitative research in the period of adaptation of infants in early childhood education, from the perspective of their primary caregiver, considering the implications and difficulties in the separation between her and the baby. In addition, we present changes that have occurred in early childhood education to this day; we detail aspects of John Bowlby's attachment theory and its importance to early childhood education; we address the issue of choosing alternative care for infants; and finally, we consider the process of adaptation and the relationship between the mother and the baby. The present research was carried out in two nursery classes, with infants aged between 4 months old and 1 and 4 months old, at two pre-school institutions in the city of Chapecó-SC, one public and one private. In order to carry out the research, a questionnaire containing open-ended questions was used, which was delivered to approximately 57 caregivers of infants who are in the process of adjusting in the institutions of early childhood education. Finally, we hope that the reflections made in this research can bring benefits to the people who are going through this process, so, we hope that the realization of this study will provide clearer reflections about this period, presenting a view at the possibilities that emerge from this scenery.

Keywords: Adaptation. Infants. Caregiver. Attachment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Informações de identificação do cuidador e do bebê.....	22
Quadro 2 - Estratégias para auxiliar no processo de adaptação.....	23
Quadro 3 - Sentimentos das mães em relação a processo de adaptação.....	26
Quadro 4 - Percepção das mães sobre este período.....	27
Quadro 5 - Possíveis expectativas não atingidas das mães.....	29
Quadro 7 - Mudanças que ocorreram na família nesse período.....	31
Quadro 8 - Orientações recebidas da equipe institucional.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
1.1 Teoria do apego e a sua importância para a educação infantil	11
1.2 A escolha de cuidados alternativos para os bebês	14
1.3 O processo de adaptação e a relação mãe e bebê.....	16
CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	18
2.1 Universo de pesquisa	18
2.2 Coleta de dados	19
CAPÍTULO 3– ANÁLISE DOS DADOS	20
3.1 Resultados e discussões	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40
Anexo A.....	40
Anexo B	42
Anexo C	43

INTRODUÇÃO

O período de adaptação à instituição de educação infantil é um momento crítico para os bebês, para a família e para os profissionais da educação que irão trabalhar com eles. Inicia-se, então, um complexo processo de adaptação, cujo objetivo da instituição de ensino e da professora é conhecer a criança, estabelecer laços de afetividade, confiança e apego. Diante desse complexo cenário, poderíamos nos perguntar: como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação dos bebês em sua inserção na educação infantil? As instituições de ensino auxiliam ou assumem o papel de preparação dos pais ou responsáveis para lidarem com as dificuldades do processo de adaptação? Quais são os sentimentos envolvidos nesse processo e quais são as possíveis mudanças na dinâmica familiar decorrentes da inserção da criança na educação infantil? Essas são, em essência, questões relevantes para a prática e orientação pedagógica por se relacionarem à rotina da instituição de ensino, à formação de professores, à relação professor-educando e à relação instituição-família-comunidade.

Segundo Rosseti-Ferreira, Amorim e Vitória (1994), esse é um período em que é necessário estabelecer elos entre a família e a instituição de educação infantil. Contudo, não é um momento tranquilo, como mencionado na citação a seguir:

[...] a adaptação muitas vezes é difícil não só para a criança, mas também para a família e a educadora, pois implica em reorganizações e transformações para todos. A forma como este processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas reações da criança. (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; VITÓRIA, 1994, p.37).

Um primeiro fator que influencia as reações da criança durante o período de adaptação é a forma como a família, principalmente a mãe, percebe e se sente com a entrada do filho na instituição (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM, 1996). Para a mãe, a separação que ocorre é bastante difícil, pois o vínculo dela com o bebê é muito forte, sendo que na maioria das vezes o ingresso do bebê na instituição infantil é a primeira experiência de separação. Dito de outra forma, há casos em que é possível que esse processo seja mais complicado para a mãe do que para o próprio bebê.

As estruturas familiares têm se diversificado de forma crescente na sociedade atual, mesmo existindo a predominância pelo modelo nuclear ou tradicional composto por pai, mãe e filhos, existem ainda inúmeros modelos familiares. O importante para a criança são os relacionamentos que ela possui e suas intensidades dentro do círculo familiar, e não os componentes que a constituem. Diante disso, é clara a importância da família no

desenvolvimento da criança, por ser a primeira referência social que ela utiliza para compreender o mundo. Neste sentido, o modo como a família vivencia o processo de inserção da criança em um outro ambiente, ou seja, em uma instituição de ensino, irá repercutir na criança, no seu desenvolvimento, no processo de adaptação e nas práticas pedagógicas.

A tarefa de adaptação requer formação e capacitação profissional adequadas para interagir com as famílias, pois estas são diferentes em relação aos seus valores e práticas de cuidado, o que vai repercutir no modo como a criança interage, nas formas de expressar o afeto e até mesmo no processo de estabelecimento de regras e rotinas. Diante do que fora exposto até aqui, acreditamos que seja importante salientar que o presente trabalho tem por objetivo descrever como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação dos bebês em sua inserção na educação infantil, além de objetivar uma melhor compreensão acerca do processo de adaptação.

CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil, por ser a base e o início da educação formal no ambiente escolar, pode deixar marcas tanto positivas quanto negativas na criança. Dessa forma “[...] o espaço da creche deve ser o lugar privilegiado da criança viver sua infância e, portanto, este lugar deve ser repleto de sentidos e significados para ela. Que faça parte da sua identidade e do seu processo de tornar-se humana.” (GONÇALVES F; GONÇALVES G, 2013, p 20). Para isso, é necessário que este local inclua coisas que chamem a atenção dessa criança, ao mesmo tempo ela precisa se sentir segura para poder viver integralmente sua infância. Conforme Agostinho (2004), através dos materiais que são disponibilizados para as crianças, elas vão construindo, interagindo e dando diferentes significados aos espaços na instituição de educação infantil.

Nesse ambiente educacional, são criados vínculos afetivos fora do círculo familiar, possibilitando que a criança se sinta mais confiante e facilitando o desenvolvimento da sua autonomia. Zabala (1998, p. 28) acrescenta que “a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época para se estabelecer vínculos e relações [...]”. O sentimento de autonomia, por sua vez, tem a ver com as atividades que ela, sozinha, consegue realizar cotidianamente, desenvolvidas através de brincadeiras, interações sociais e expressões.

A educação infantil em seu surgimento não era considerada como parte da educação básica, sendo primeiramente motivada pela inserção da mãe ao mercado de trabalho, além de não possuir um caráter pedagógico até pouco tempo atrás. Em relação a isso, Krieger (2009, p. 2) afirma que “[...] A Educação Infantil nem sempre teve um lugar de destaque na formação da criança pequena. Surgiu como uma instituição assistencial, que vinha com o objetivo de suprir as necessidades da criança e de ocupar, em muitos aspectos, o lugar da família”. Como as mulheres, quase exclusivamente, eram responsáveis pelo cuidado da casa e das crianças, e seu trabalho era visto como de menor valor, ao passarem a trabalhar fora de casa algumas instituições passam a se preocupar com essas crianças e a assumirem a função mais básica, ou seja, de cuidados primários de higiene e alimentação.

Somente a partir da Constituição de 1988 que “tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional nacional, seguindo uma concepção pedagógica, o que não acontecia, até aqui, concepção pedagógica complementa a ação familiar, não tendo mais um caráter assistencialista” (MARCELINO, 2010, p. 36). Sendo assim, deixa-se claro que educação é um dever do estado e direito da criança. Alguns anos depois, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil:

“Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação: [...] IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade[...]”. (BRASIL, 1990).

Como se pode perceber, foi só a partir disso que a educação infantil ganhou importância e foi reconhecida como a primeira etapa da educação básica, juntamente com o ensino fundamental e o ensino médio. Sua função passa a ser cuidar de modo a garantir que as necessidades físicas da criança sejam atendidas, além de educar no sentido de proporcionar à criança aprendizado e desenvolvimento.

Após a educação infantil ter passado por diversas mudanças, hoje ela possui uma função específica a favor do desenvolvimento das crianças.

A educação infantil constitui atualmente um segmento importante no processo educativo, embora tenha apresentado por muitos anos uma função assistencialista. Hoje, o Centro de Educação Infantil, a escola em si, assume outro papel, que contempla um espaço educativo que tem como principal objetivo o desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivo, emocional, afetivo, social e físico. (SILVA, 2014, p. 12).

Dito de outra forma, há uma mudança de perspectiva em relação à educação infantil que deixa de ter como principal função o assistencialismo. De acordo com Agostinho (2004), a educação infantil deve ser um espaço que proporcione à criança uma sensação de segurança e acolhimento, que de fato valorize e a compreenda para que possua a sensação de pertencimento, podendo viver intensamente a sua infância. Ou seja, trata-se de um lugar que é constituído a partir dos sujeitos que fazem parte dele, podendo, portanto, modificar-se a todo momento.

1.1 Teoria do apego e a sua importância para a educação infantil

Segundo John Bolwby (1969 apud LYRA, 2007, p. 26), o apego íntimo com outros seres humanos é essencial em nossas vidas, desde o período que ainda somos bebês, passando pela adolescência até a velhice. Porém, quando bebês, somos mais dependentes por uma questão de sobrevivência, uma vez que a primeira necessidade e dependência diz respeito ao fator fisiológico da alimentação. Em segundo lugar, de acordo com mesmo autor, há uma necessidade de proteção e conforto, sendo que estes, por sua vez, contribuem para a construção de uma terceira necessidade: a proximidade ou apego em relação à mãe ou a um outro cuidador primário. É a partir desse cuidado, contato e relação que acaba se desenvolvendo um vínculo cuidador-bebê que irá se estender e fortalecer no tempo, assim

como repercutir nos padrões de interação com outros indivíduos.

Segundo a teoria do apego, desenvolvida por Bowlby, o bebê já está geneticamente predisposto a desenvolver o apego, desde que nasce, pois “[...] existe nos bebês uma propensão inata para o contato com um ser humano, o que implica na “necessidade” de um objeto independente do alimento, tão primária quanto a “necessidade” de alimento e conforto, [...]” (BOWLBY, 1969 apud RAMIRES; SCHNEIDER, 2010, p. 25).

Assim, segundo Bowlby (1979 apud, RAMIRES; SCHNEIDER, 2010 p. 26), “no relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que seja usado como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo”. Com o tempo, esse vínculo afetivo é desenvolvido gerando novos sentimentos, tanto nos bebês quanto nos adultos, o que demanda proximidade com seus cuidadores. Esses primeiros vínculos afetivos criados na infância irão acompanhar a criança ao longo de sua vida, interferindo no tipo de relação estabelecida com outro indivíduo adulto. Para Bowlby (1969 apud DALBEM; DELL'AGLIO, 2005), existem dois fatores que podem interferir na ativação do comportamento de apego: aqueles que estão relacionados às condições físicas e temperamentais da criança, e os relacionados às condições do ambiente. A interação desses dois fatores depende da estimulação do sistema de apego, sendo que esse tem papel fundamental nos resultados do desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Bowlby (1969 apud LYRA, 2007) identificou alguns fatores como sendo relevantes para a construção da relação de apego: a proximidade física, a troca verbal, de olhares e sorrisos de ambos os lados, dentre outras ações que mantêm essa relação ativa. “Esse autor salienta que, embora em nossa cultura a figura de apego principal geralmente seja a mãe, é possível que este papel possa ser assumido por outras figuras, como, por exemplo, o pai, os avós, ou irmãos mais velhos, pais adotivos, tios, etc...”. (LYRA, 2007, p. 32). Ou seja, cuidador é qualquer pessoa que assuma, em parte ou durante alguma parte do tempo, o cuidado da criança, além de se envolver nessa interação e relação de cuidado, estabelecendo assim um vínculo de afeto e segurança. Neste sentido, um dos desafios e propósitos da educação infantil é compreender como se dará e quais as necessidades presentes na relação estabelecida entre o educador/pedagogo e a criança/bebê – a partir e na relação com a família – para prover o desenvolvimento social e emocional.

O processo de construção de uma relação de apego e vínculo, segundo Bowlby e Ainsworth (1969/1984 apud LYRA, 2007) acontece ao longo de quatro estágios que se mantêm nos primeiros anos de vida da criança:

- a) O primeiro estágio ocorreria nos três primeiros meses de vida do bebê, sendo que o seu comportamento de apego se dirigiria nesse período quase que totalmente à figura materna, correspondendo limitadamente a estímulos faciais com sorrisos e caretas, também fixando seu olhar apenas a um objeto móvel por vez;
- b) O segundo estágio se daria entre os três aos seis meses de vida do bebê, continuando com seus comportamentos mais direcionados para seu cuidador. Nessa fase, o bebê começa a distinguir com mais certeza o seu principal cuidador das demais pessoas, atribuindo a ele sentimento de segurança e proteção, diferenciando também as pessoas que fazem parte da família pelo contato diário das pessoas desconhecidas;
- c) O terceiro estágio aconteceria a partir do sétimo mês de vida e duraria aproximadamente até os três anos e meio de idade, sendo que a partir desse momento a criança começa a sentir desconforto nos momentos de separação do seu cuidador e diante de estranhos. Geralmente nesse período a criança começa a ter experiências de separação do seu cuidador por longos períodos. Quando esses momentos vão chegando ao final, a criança já não sente mais tanta necessidade da figura materna para obter proteção e segurança, pois já possui um círculo afetivo com grande quantidade de pessoas envolvidas;
- d) O quarto e último período iniciaria no final do terceiro ano de vida, momento em que a criança já possui habilidades cognitivas para agir intencionalmente com algum objetivo e influenciar no comportamento e nas decisões da figura materna e seus cuidadores, mantendo-os assim o mais próximo possível.

Conforme os acontecimentos e novas experiências vivenciadas, essa relação de apego com o seu principal cuidador estabelecida nos primeiros anos de vida se constrói e se modifica. “No entanto, a exposição repetida a uma variedade de experiências relacionais, cria a oportunidade para modificação do modelo interno de funcionamento do indivíduo”. (BOWLBY, 1973 apud LYRA, 2007, p. 36). Não se delimita um padrão específico para esses modelos de apego, pois como são representações individuais, se modificam a todo o momento e são influenciados pelo ambiente social em que estão inseridos.

Em relação à professora, ocorre um processo de vinculação parecido com o da mãe apresentado por John Bowlby. Assim, o bebê também precisa sentir segurança e confiança nela para que se sinta acolhido, como acontece em sua casa. “Em virtude da separação dos pais, a professora passa a ser a referência para ela. Por isso, se faz necessária a construção de laços afetivos entre os professores e as crianças, o que requer certo tempo”. (PERIN; SIGEL, 2017, p. 22). Em outras palavras, nesses primeiros contatos, uma das principais necessidades dos bebês é a segurança, por isso é imprescindível ações que visem o acalento do choro, ou

seja, a criança necessita que a professora ofereça colo e o acalme, e tal ação irá ao longo do tempo favorecer o estabelecimento de laços afetivos entre ambas as partes, tornando a professora a figura de apego mais próxima à mãe. Através desses pequenos contatos é que vai se construindo o vínculo entre educadora e bebê.

Nos primeiros dias do período de adaptação, é importante que a professora estabeleça um diálogo com os pais para entender os costumes dos bebês, seus gostos e outras informações que eles consideram importantes sobre seu filho. Isso ajudará o “professor planejar e organizar o seu espaço e o seu trabalho para poder acolher e oferecer atividades atrativas aos novos alunos.” (FERREIRA, 2007, p. 6). Porém, para que esse processo ocorra de maneira menos tumultuada – causando o mínimo de estranhamento possível – é imprescindível, de acordo com Perin e Sigel (2017), uma ação compartilhada entre a instituição de educação infantil e as famílias, de modo que o bebê não sinta um rompimento, mas sim uma continuidade na transição entre os dois ambientes.

1.2 A escolha de cuidados alternativos para os bebês

As instituições de educação infantil estão se tornando cada vez mais necessárias para o cuidado dos bebês, pois atualmente as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, sendo que a maior preocupação no período da licença maternidade está em relação ao término da mesma, devido a necessidade de outras pessoas cuidarem do bebê enquanto a mãe ou os cuidadores trabalham. Junto a essa necessidade, surgem vários sentimentos contraditórios, os quais perpassam por todas as pessoas envolvidas nesse novo processo de adaptação.

Neste sentido, Rapoport (2005, p. 9) afirma que

[...] esses cuidados podem se dar em creches e pré-escolas; em creches familiares ou lares vicinais; por um parente ou na casa da criança, dispensados por uma babá/empregada. Em qualquer um desses casos, a criança passa por um processo de adaptação até que esteja vivenciando a nova situação de forma que revele menor sofrimento pelo afastamento materno.

Muitas vezes os cuidadores primários não possuem os avós ou algum outro parente próximo para cuidar da criança, por isso as babás e a instituição de educação infantil tem se revelado as melhores opções para o cuidado dos bebês. Porém, um fator a ser destacado é a falta de vaga nos CEIMs, sendo que em vários municípios a demanda tem sido muito maior

que a oferta. Assim, as famílias que não têm condições de pagar uma babá ou matricular seus filhos em instituições particulares, acabam deixando as crianças com os próprios irmãos ainda pequenos, ou até mesmo sozinhos em casa pois precisam trabalhar.

Na Constituição Brasileira de 1988 ficou definido que a creche ou pré-escola é um direito da família e é um dever do Estado oferecer esse serviço.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição: [...] XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas [...] (BRASIL, 1988).

Há ainda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) forte contribuição para que a Educação Infantil fosse articulada ao sistema educacional como um todo. Dessa forma, a finalidade da Educação Infantil pode ser entendida como [...] “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (BRASIL, 1996, art. 29).

Desse modo, as Instituições de Educação Infantil acabam sendo a opção mais viável aos pais e cuidadores que necessitam trabalhar fora, pois contemplam o cuidado, a socialização e a aprendizagem das crianças, oferecendo, ao mesmo tempo, um custo menor para os cuidadores, pois em muitas instituições há apenas uma contribuição espontânea das famílias.

Bowlby – como o principal estudioso sobre o apego – nos mostra em sua teoria que os bebês são capazes de desenvolver apego a vários adultos, situação que se revela valiosa em uma sociedade na qual as mães necessitam compartilhar o cuidado e a “maternagem”. Além disso, o cuidado com responsividade exige uma relação de sensibilidade, amor, além de estimulações sociais e intelectuais que são essenciais para o desenvolvimento nos primeiros anos da vida de um bebê, sendo que podem ser assumidos por várias outras pessoas, ou seja, não se trata de uma atitude exclusiva da mãe.

Na instituição de educação infantil, a pessoa que assume esse papel é o(a) professor(a), que em alguns momentos passa a ser a figura de apego substituta para o bebê e o cuidador secundário para a mãe/cuidadores. No período em que passa na instituição, o professor acaba por adotar a função de referência social para o bebê, proporcionando uma “base segura” ao transmitir a confiança de que a criança necessita e ao atender às suas

necessidades. Na medida em que essa nova figura de apego vai se estabelecendo, o bebê consegue acostumar-se com a rotina de separação e reencontro com a pessoa que possui o apego principal. Assim, a inserção neste novo ambiente possibilita a construção de novas relações e vínculos que tendem a favorecer o desenvolvimento psicossocial da criança.

As instituições de educação infantil são vistas, muitas vezes, pelos pais como uma “segunda casa” para seus filhos. Um local onde eles irão desenvolver o aprendizado de diversas coisas que, geralmente poderiam aprender em casa, como alimentar-se sozinho, o desfralde, além de várias coisas relacionadas ao mundo que vivemos, porém existem algumas diferenças entre esses dois ambientes.

Essa transição conforme Mazon e Guarnieri (2017):

E uma das passagens mais difíceis que as crianças têm de fazer diariamente é entre a casa e a escola. Elas passam de um ambiente com normas e princípios próprios, onde elas têm todas as atenções, para estar em outro com normas e princípios coletivos, em que ela é uma entre outras crianças.

Enquanto em casa, a criança possui uma atenção maior individualmente, tendo vários adultos a sua disposição para suprir suas necessidades, sendo que o ambiente e objetos da casa também são de acesso individualizado e ocorrem com mais frequência pelo bebê. Nas instituições de educação infantil a criança desenvolverá mais a questão da socialização, com outros bebês da sua idade e também de idades diferentes, mesmo ela já tendo um ou mais irmãos. As relações dos professores com os bebês neste local dão-se em sua maioria no contexto coletivo, embora também ocorram e devam ocorrer relações de educação/cuidado/atenção no plano individual.

1.3 O processo de adaptação e a relação mãe e bebê

A separação entre bebê e cuidadores se dá de forma mais saudável e tranquila quando as experiências de autonomia são prazerosas pois, dessa forma, a criança domina a sensação de ansiedade de separação que surge enquanto vão se tornando cada vez mais autônomos. Segundo Mahler (1982, p. 26),

[...] a separação-individação normal acontece em situação de aptidão desenvolvimental – bem como de prazer – para funcionamento independente. A predominância do prazer no funcionamento com independência, em atmosfera de disponibilidade libidinal materna, permite a criança dominar aquela quantidade de ansiedade de separação que parece adquirir a cada novo passo em direção á atuação individual.

Sendo assim, é fundamental que o processo de separação com a mãe, que irá ocorrer de diferentes modos ao longo de todo o desenvolvimento da criança, seja gradativo e associado a uma vivência de autonomia e segurança. Dessa forma, a instituição de educação infantil envolvida nesse processo necessita compreender e estar atenta às necessidades dos bebês e de sua família. Segundo Rossetti-Ferreira e Vitória (1993, apud DIESEL, 2003, p.10), “[...] o processo de adaptação ao novo ambiente da creche é mediado pelos outros: pela família, pelos educadores e pelos próprios companheiros do grupo que a criança passa a frequentar”.

Para ter início o processo de adaptação, é de fundamental importância que os cuidadores conheçam a instituição previamente e tragam a criança junto para que possa ir se familiarizando com o novo ambiente. De acordo com Rossetti-Ferreira e Vitória (1993, apud DIESEL, 2003, p. 56) “A adaptação tem início nos contatos iniciais da família com a escola infantil, pois as primeiras impressões influenciam a forma como estes pais se relacionam com o novo ambiente”.

Diante desse processo extremamente complexo que é a adaptação de bebês, a instituição de educação infantil, mais especificamente o professor, necessita superar o desafio de planejar e organizar sua prática pedagógica de modo a ultrapassar os obstáculos dia após dia, respeitando as individualidades de cada indivíduo e transmitindo tranquilidade e segurança à família e às crianças. Segundo Diesel (2003, p. 10), “a adaptação é um momento de confronto com o desconhecido”. Assim, quanto maior for seu conhecimento sobre essa dinâmica, melhor preparado e confiante estará o profissional sobre suas decisões e estratégias adotadas. Dessa forma, o presente trabalho busca contribuir nesse sentido, objetivando descrever como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação e sua inserção na educação infantil.

CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, uma vez que envolveu a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto das pesquisadoras com a situação estudada, tendo como objetivo compreender mais sobre o assunto, possibilitando – ao final da pesquisa – construir hipóteses.

2.1 Universo de pesquisa

A presente pesquisa foi realizada com duas turmas de berçário em duas instituições de educação infantil diferentes (mediante autorização prévia das instituições), uma instituição da rede Particular localizada no centro da cidade e em um Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM) localizado em um bairro do mesmo município – uma cidade de médio porte no estado de Santa Catarina e ambas possuem vínculo com a Universidade Federal da Fronteira Sul como campo de estágio. Considerando que cada turma é composta por 25 crianças, estimávamos que a amostra seria de aproximadamente quarenta cuidadores dos bebês que estão em processo de adaptação nas instituições de educação infantil participantes da pesquisa.

Para a realização da investigação, inicialmente foram abordados os cuidadores de cada criança ao final do período, ou seja, o responsável indicado no início do ano letivo por deixar e pegar a criança na instituição. Nessas abordagens, apresentamos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e aqueles que após a leitura do termo aceitaram participar da pesquisa, foram convidados a responder um questionário com 9 questões abertas as quais poderiam ser respondidas oralmente com as pesquisadoras ou em casa, mediante a uma data para a devolução. Conforme as opções apresentadas, todos os cuidadores optaram por levar o questionário para a casa. Durante essa primeira etapa todos os cuidadores concordaram em participar da pesquisa, porém somente 25 dos 57 participantes devolveram os questionários nas duas instituições pesquisadas.

Os critérios de inclusão desta pesquisa foram:

- ter no mínimo 18 anos;
- ser cuidador de um bebê com idade entre 3 meses e 2 anos;
- ter o bebê matriculado na instituição particular ou CEIM em que a pesquisa será realizada e estar entre o primeiro e segundo mês do ingresso da criança a instituição;

- o bebê pelo qual o cuidador é responsável estar ou ter passado em período de adaptação recentemente, de até um mês após a entrada da criança na instituição de educação infantil.

Os critérios de exclusão foram:

- O bebê/criança ter passado por período de adaptação em outra instituição de educação infantil no mesmo ano em que está sendo matriculado nas instituições selecionadas para pesquisa, sendo que essa situação abarcaria colônia de férias ou instituição escolar, ou seja, não poderiam cuidadores de crianças já adaptadas à rotina diária de um Centro de Educação Infantil;
- Outro critério de exclusão seria a apresentação de qualquer desconforto emocional ao participar ou responder alguma questão apresentada.

2.2 Coleta de dados

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (CAAE: 79740117.6.0000.5564, parecer número 2.505.144), os dados dessa pesquisa foram coletados através de um questionário entregue aos principais cuidadores dos 25 bebês matriculados e em fase de período de adaptação na educação infantil – tanto no CEIM do município, quanto na instituição privada – durante o mês de fevereiro e março de 2018. A abordagem foi realizada em ambos os turnos, ou seja, nos períodos em que os pais buscam as crianças para irem para casa.

A opção pelo questionário com perguntas abertas é resultado de nossa crença de que dessa forma os participantes poderiam expressar suas opiniões e sentimentos livremente, utilizando uma linguagem mais própria e não tão monitorada. Marconi e Lakatos (2003, p. 201) relembram que o questionário é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

A opção por responderem o questionário em casa foi seguida de uma argumentação em prol da falta de tempo hábil para concluírem as respostas na instituição. Diante disso, orientamos que o questionário fosse respondido pela pessoa responsável pelos cuidados do bebê, tanto afetivos como fisiológicos por mais tempo. Solicitamos que o questionário fosse devolvido em cinco dias a contar da data de entrega. Na data estipulada para a devolução, dirigimo-nos às escolas para recolher os questionários respondidos. Os dados obtidos pelas respostas registradas nos questionários foram analisados por nós e, posteriormente, o instrumento será arquivado e mantido em posse pelo período de cinco anos.

CAPÍTULO 3– ANÁLISE DOS DADOS

Para fins deste estudo, foi utilizada análise de conteúdo que, para Mozzato (2011, p. 734), consiste num conjunto de técnicas para análise das comunicações, utilizando-se de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção por meio de indicadores quantitativos ou não. Além disso, o processo de análise de dados envolve várias etapas que resultam em um processo significativo dos dados coletados. Diante disso, optamos por seguir as etapas propostas por Bardin (apud FARAGO; FONFOCA, s/d): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Dessa forma, os dados obtidos pela pesquisa foram primeiramente organizados e sistematizados e, em um segundo momento, durante a pré-análise, foi realizada leitura flutuante com objetivo de começar a conhecer o conteúdo obtido na coleta de dados, identificando os principais temas mencionados pelos participantes (MOZZATO, 2011). Com esses dados, o material foi explorado e, após diversas leituras, foram tratados na terceira etapa da análise de conteúdo, conforme sugerem Farago e Fofonca (s/d), fazendo-se a inferência e interpretação.

3.1 Resultados e discussões

Foram entregues 57 questionários aos participantes, sendo 45 no CEIM e 12 na instituição privada; desses, 25 foram devolvidos ao todo, sendo 17 no CEIM e 8 na instituição privada. Todos os questionários foram respondidos pela mãe, com idade variando entre 18 a 35 anos no CEIM e de 25 a 36 anos na da rede privada.

No CEIM, a escolaridade que mais predomina é do ensino médio completo, contudo uma mãe possui pós-graduação e uma possui o ensino fundamental incompleto. Já na instituição privada, somente uma mãe não tem o ensino superior, as demais todas possuem ensino superior completo ou estão cursando. Dos questionários analisados na instituição privada, 5 crianças frequentam a instituição no período vespertino e 3 crianças em período integral. Por outro lado, no CEIM são 8 crianças no período vespertino e 9 crianças no período matutino. Importante salientar que os centros de educação infantil da rede pública não oferecem disponibilidade de período integral.

A idade das crianças nas duas instituições variou entre 4 meses até 1 ano e 4 meses, sendo que a média de idade entre as crianças nas duas instituições é de 10 meses e 24 dias no

CEIM e 10 meses e 3 dias na instituição privada. Segundo a Teoria do Apego, bebês com até 6 meses tendem a sentir menos desconforto quando separados de seus cuidadores principais. Já a partir do sétimo mês de idade – que geralmente é quando ocorrem as primeiras experiências de separação do seu cuidador principal por períodos mais longos – o bebê tem uma tendência a estranhar quem não conhece, mas pode estabelecer vínculos com outros adultos.

Os principais cuidadores neste universo de pesquisa são pai e mãe, na maioria acompanhados dos avós, madrinha e irmãos, mas há também três crianças que possuem somente o cuidado da mãe e avós. O período que as crianças passam com seus cuidadores varia: na instituição privada, cinco cuidadores passam o período matutino e noturno com as crianças – pois levam as crianças somente à tarde na instituição – e três cuidadores passam apenas o período noturno com as crianças porque os bebês frequentam a instituição em período integral. Já no CEIM, nove cuidadores ficam com as crianças no período vespertino e noturno e oito ficam no período matutino e noturno, uma vez que esses períodos compreendem o contraturno do período na instituição, e como mencionado anteriormente, não há período integral no CEIM.

Quanto à ordem de nascimento das crianças indicadas pelos pais, cinco da instituição privada são filhos únicos e os outros três são 2º filhos; já no CEIM, dez crianças são filhos únicos, quatro são 2º filhos e três crianças são 3º e 4º filhos na família. Esses dados foram compilados e são apresentados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Informações de identificação do cuidador e do bebê

		CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
Idade média do cuidador		26,2	31,1
Idade Média da criança (meses)		10,8	10,1
Vínculo com a criança (respondente)		Mãe 17	Mãe 08
Período da criança na instituição	Matutino	09	-
	Vespertino	08	05
	Integral	-	03
Principais cuidadores	Mãe/Pai	07	03
	Mãe/Pai/Avós	02	02
	Mãe/Avós	03	-
	Mãe/Pai/Outros	05	03
Período da criança com os cuidadores	Noturno	-	03
	Vespertino/Noturno	09	-
	Matutino/Noturno	08	05
Filhos únicos		10	05
Ordem de nascimento	2º filho	04	03
	3º ou 4º filho	03	

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Cada criança vivencia a adaptação de maneira única, sendo que algumas demoram mais que as outras para se sentirem seguras e acolhidas. Dessa forma, é de fundamental importância respeitar a individualidade de cada uma, atentando aos sinais que demonstra nesse período adaptativo. “O período de adaptação na creche não é somente da criança, mas também envolve a família e as educadoras em um complexo processo de integração” (AMORIM; VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 109).

Em resposta à primeira questão do questionário acerca do sobre o tempo que demorou o processo de adaptação da criança, as mães, em geral, se remeteram ao período que a instituição de ensino destinou para estabelecer gradativamente o tempo integral/total do período (matutino, vespertino ou integral) para a permanência das crianças na instituição. Na

instituição pública, o período destinado a esse processo foi a primeira semana do ano letivo na qual o tempo de permanência na escola foi aumentando gradativamente, e as mães mencionaram que esse período levou de 4 a 8 dias. Na instituição privada, por outro lado, como não há a presença desse período estipulado, o tempo indicado pelos pais foi de 1 dia até 30 dias, com grande variação nas respostas. Contudo, em sua maioria, as mães consideraram a primeira semana de inserção na instituição.

Quadro 2 - Estratégias para auxiliar no processo de adaptação

	Categorias	CEIM	Instituição
		(Público) N = 17	(Privada) N = 8
Estratégias para auxiliar no processo de adaptação	Conversa	05	04
	Segurança e Tranquilidade.	06	04
	Rotina da instituição	05	02
	Despedida curta	02	01
	Leitura do assunto.	-	02
	Convivência com outras pessoas.	02	-
	Mostrar a instituição	01	01
	Nada	02	-

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

As estratégias ou ações que as mães utilizam para auxiliar a criança no processo de adaptação nos mostra como concebem o desenvolvimento infantil, as necessidades da criança e todo o processo. As mães, em sua maioria, relataram que procuram transmitir “*Segurança e tranquilidade*” (Ex: “Mostrar tranquilidade, segurança a criança” e “Ficar tranquila, deixar ela mais segura”); outras buscaram seguir a orientação oferecida pela instituição pública de “*despedida curta*” (Ex: “Procuo não demorar ao se despedir”, “fazer uma despedida curta”); e há aquelas que tentam em casa acompanhar a “*rotina da instituição*”(Ex: “Seguir os mesmos horários da rotina da escola”, “Manter os mesmos horários”).

Rapoport (1999) afirma que a forma como as mães se sentem ao deixarem seus filhos na instituição pode influenciar o comportamento e reações da criança, assim como,

reciprocamente, as atitudes apresentadas pelos filhos podem gerar algumas reações na mãe. Por exemplo, a mãe pode estar angustiada e insegura e tentar disfarçar a fim de não demonstrar para o bebê, mas daí surge a ansiedade em não gerar ansiedade, e o bebê percebendo a situação desconfortável para a mãe da mesma forma. Ainda sobre as reações e estratégias, é importante destacar que as resistências em relação à separação são diferentes para cada pessoa, estando ligadas às variações da relação, no caso específico desta pesquisa, a relação entre mãe-filho.

Neste sentido, Rapoport (2005) argumenta que é altamente desejável que no período de adaptação, a mãe, o pai ou outro familiar fique junto da criança para auxiliar na exploração desse ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e outros bebês. Assim sendo, a autora sugere que os pais estejam presentes nesse período de adaptação, para poder construir um processo gradativo e harmonioso. Além disso, é importante destacar que conforme passar do tempo, a permanência do bebê vai aumentando, e este vai se sentindo mais seguro, mas é preciso sempre respeitar as condições demonstradas pela criança.

Além disso, verificou-se em alguns momentos que as mães necessitam de mais informações sobre a adaptação da criança à instituição e, para tal, procuraram “*ler sobre o assunto*” (Ex: “Li sobre o assunto”), sendo essa uma fala e estratégia utilizada por duas mães de instituição privada, pois não obtiveram orientação da instituição por outras vias, ao contrário do CEIM. Nove mães consideram que a “*conversa*” com o bebê (Ex: “explicar a ele que iria voltar”, “incentivar ele que a creche é muito legal” e “explicar que logo eu voltava”) poderia auxiliar no processo de adaptação da criança, o que, de certo modo, indica que as mães percebem a criança como capaz de compreender orientações/instruções verbais e se comportam de acordo com elas.

Nesse sentido, autores como Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) afirmam que a adaptação se inicia nos primeiros contatos da família com a instituição infantil, pois as primeiras impressões influenciam a forma como os pais se relacionam com o novo ambiente. Dessa forma, é fundamental que os cuidadores conheçam a instituição previamente e tragam o bebê junto para que ele possa ir se familiarizando com o novo ambiente. Além disso, os pais podem utilizar a estratégia de incentivá-lo, argumentando que a instituição é um espaço legal e de confiança dos cuidadores, transmitindo através das falas a segurança e mais tranquilidade aos bebês nesse período.

Outras duas mães mencionaram que não fizeram “*Nada*” (Ex: Não precisou nada pois é muito tranquila”), pois não consideraram necessário realizar alguma ação para ajudar a

ajudar às crianças na adaptação. Balaban (1988 apud FERREIRA, 2007, p. 11) afirma que “a autoconfiança surge de separações bem conduzidas. Em contrapartida as crianças que são muito protegidas, quando se afastam de casa têm chance de se dirigirem com medo para o mundo do ensino e do crescimento”.

Para Bowlby (1989 apud FERREIRA, 2007, p. 11)

a provisão de uma base segura, proporcionada pela capacidade dos pais em possibilitar que a criança explore o mundo externo e retorne, quando se sentir insegura certa de que será bem-vinda e acolhida física e emocionalmente, certa de que o vínculo mãe-filho não foi aniquilado por estar aprendendo novas habilidades, longe da mãe.

Os sentimentos são formas de representar ou expressar um conjunto de situações e emoções vivenciadas e são influenciados por experiências pessoais anteriores, crenças e valores. Assim “um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo acompanhado pela percepção de pensamentos, com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar” (DAMÁSIO, 2004, p. 91). Em relação ao processo de adaptação, os sentimentos que as mães nos relataram foram variados e, em sua maioria, negativos. Dentre esses, as mães mencionam “*Difícil, Angústia e Coração apertado*”, (Ex: “Me sentia angustiada quando o bebê chora”, “É difícil ficar longe dele, mas é preciso”, “Ficava com o coração apertado”, “O sentimento é de separação”) e ainda um momento de “*Insegurança, Separação*” (Ex: “Insegura, muito difícil, parece que não vai dar certo”, Um pouco insegura”).

O quadro a seguir, Quadro 3, apresenta um compilando de alguns sentimentos expressos pelas mães a partir de suas respostas escritas nos questionários.

Quadro 3 - Sentimentos das mães em relação a processo de adaptação

Sentimentos das mães em relação a processo de adaptação.	Categorias	CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
	Difícil, Angústia e Coração apertado.	07	04
	Insegurança, Separação.	05	04
	Tranquila, após conversa com professora.	-	05
	Tranquila por outros motivos	04	-
	Ansiosa	02	-
	Não respondido	-	01

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

A esse respeito, Balaban (1988 apud FERREIRA, 2007, p. 6) argumenta que

Um dos sentimentos vividos pela mãe no período de adaptação de seu filho a creche pode ser a ambivalência, que se manifesta através da preocupação. Assim, por um lado as mães desejam que a criança vá para a escola para poderem trabalhar ou dispor de um tempo mais livre para os afazeres pessoais. Mas ao mesmo tempo, amam seus filhos e gostariam de ficar mais tempo com eles para ter certeza de que nada ruim lhes acontecerá. Outros sentimentos decorrentes da separação mãe-criança surgem com frequência no momento da adaptação escolar, como a culpa, insegurança, tristeza, além de desconfiança com relação a competência das educadoras, que são pessoas desconhecidas.

O estabelecimento de um diálogo com a professora foi importante para 5 mães da instituição privada, pois relataram que antes tinham sentimentos negativos mas ficaram “*Tranquila, após conversa com professora*” (Ex: “É um momento difícil, a professora nos passou bastante confiança”, “Apreensiva, conversando com a profe ficava mais tranquila”, “No início fiquei insegura, mas depois fiquei mais confiante conversando com a profe”). Por isso, o professor, percebendo essa necessidade, precisa ficar atento a essa situação, ou seja, “é preciso estar ciente de que a família e a criança compartilham das mesmas ansiedades diante deste novo desafio, que se deve dar segurança e atenção para ambos os lados, família e criança, que acabam tornando-se apenas um.” (GONÇALVES; DAMKE, 2007 apud PERIN;

SIGEL, 2017, p. 23).

O conhecimento acerca das pessoas com as quais os filhos ficariam por algumas horas do dia permitiu que algumas mães se sentissem um pouco mais seguras diante dessa situação. Diante desse processo de conhecimento, perceberam que são pessoas capacitadas e que já possuem experiência em relação a esse processo, o que ajudou algumas mães a se sentirem mais tranquilas. Nesse sentido, nas respostas das mães que têm seus filhos matriculados no CEIM, é possível encontrar mães que ficaram “*Tranquila por outros motivos*” (Ex: “Tranquila sei que minha bebê está em boas mãos”, “Tranquila pois eu sei que está sendo bem amparado na minha ausência”).

Quadro 4 - Percepção das mães sobre este período

Percepção das mães sobre este período.	Categorias	CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
	Cansativo, Confiança na Professora	-	01
	Tranquilo	07	02
	Difícil	03	03
	Angustiante	03	-
	Adaptação para a cuidadora	01	-
	Preocupante	02	-
	Rápido	01	-
	Aprendizado, Rotina	-	01
	Não respondido	01	01

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Esse caminho rumo à adaptação dos bebês e das famílias é um período de emoções e sentimentos contraditórios, pois enquanto a questão anterior nos revela que nesse período de adaptação, para a maioria das mães, os sentimentos foram negativos, na questão seguinte – “como foi esse período para você?” – o que se destaca é que foi “*Tranquilo*” (Ex: “Tranquilo, a bebê colaborou muito para esse processo”, “Tranquilo, achava que ia ser mais difícil”).

Segundo Ainsworth (1978), o padrão seguro de apego diz respeito ao relacionamento cuidador-criança resultante de uma base segura, sendo que o bebê pode conhecer seu

ambiente de forma agradável e quando se sente irritado, mostra confiança em obter cuidado e proteção das figuras de apego que agem com responsividade. Os bebês seguros se sentem incomodados quando separados de seus cuidadores, mas não se abatem de forma exagerada (DALBEM; DELL'AGLIO, 2005, p. 16). Dessa forma, percebe-se que embora as mães se sintam inseguras nos primeiros dias do processo adaptativo, a situação é alterada quando percebem que o bebê ficou bem, não chorou ou isso ocorreu poucas vezes.

Algumas mães, no entanto, ao relatarem sobre como se sentiram ao longo desse processo, afirmam ser esse um período “*Difícil*” (Ex: “Difícil pois ele chorava então é meio complicado”, “Foi mais difícil para mim do que para ele, estava acostumada com ele sempre perto”) e “*Angustiante*” (Ex: “Angustiante, devido ao bem-estar de minha filha”). Desse modo, “cabe aos professores à tarefa de acalmar as crianças, o que pode ser prejudicado pela insegurança dos pais. Por isso, há uma grande importância em dar atenção especial aos pais, pois eles sofrem com essa separação, e carregam a culpa em deixar os filhos nas instituições”. (PERIN; SIGEL, 2017, p. 26).

Nesse período, todas as partes envolvidas vivenciam sentimentos negativos. Várias mães relataram que o coração fica “apertadinho” e a cabeça inundada de perguntas, pois é complicado ter a segurança em deixar os filhos com outras pessoas, num lugar desconhecido, cheio de outros bebês. Há, nesse sentido, o medo que não cuidem bem das crianças, além da fantasia de o estarem abandonando e sendo egoístas. Conforme Perin e Sigel (2017, p. 22),

Muitas crianças já começam a chorar quando estão saindo de casa e o momento de deixar a criança se torna um sofrimento muito mais para a mãe do que para a criança, por isso a família deve ser conscientizada de que a creche é um lugar extremamente importante para o desenvolvimento da criança, de forma a se tranquilizar e evitar sentimentos de culpa.

Pelo fato de algumas mães não conhecerem o espaço e as professoras que atuam ali, acabaram por avaliar esse período adaptativo como “*Preocupante*” (Ex: “Preocupante, pois não sabia como ia ser os cuidados e a adaptação dele”, “fiquei muito preocupada”). Neste sentido, Perin e Sigel (2017, p. 24) afirmam que “As instituições de educação infantil precisam ter, além de tudo, uma estrutura bem organizada para amparar e transmitir segurança aos pais, para que eles consigam o mesmo com seus filhos”.

Quadro 5 - Possíveis expectativas não atingidas das mães

Ocorresse de outra forma	Categories	CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
	Sim.		02
Não.		15	05
Não respondido.		-	01

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Quadro 06 - Mudanças e sugestões das cuidadoras para esse período.

Mudanças e sugestões das cuidadoras para esse período	Categories	CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
	Como ocorreu		06
Ficar na sala.		01	01
Menos sofrido.			01
Bebê mais calmo, chorando menos.		01	-
Não respondido		09	03

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Quando questionadas se gostariam que o processo tivesse ocorrido de forma diferente em relação à adaptação do bebê, o que se destaca é que as mães “*Não*” gostariam que tivesse ocorrido de forma diferente, gostariam que tivesse acontecido “*Como ocorreu*”. Porém, os sentimentos envolvidos relatados foram em sua maioria negativos e, por isso, acreditava-se que o resultado seria o oposto. Tal fato nos leva a pensar que esse período foi difícil para a mãe, com sentimentos negativos, porém para a criança foi mais tranquilo, como analisamos em respostas anteriores.

De acordo com Bowlby (1989), as mães também têm uma necessidade biológica de estarem perto de seus bebês, e é por isso que reagem rapidamente tanto a seus sorrisos como a seus sinais de sofrimento. Bowlby em sua teoria enxerga ambas as partes, tanto do apego do bebê com a mãe quanto da mãe para com o bebê, afirmando a existência de um tipo de estampagem humano. Segundo ele, o ser humano passa por um período sensível dos 0 aos 5

anos, no qual ligam-se a uma pessoa, que geralmente é a mãe, e, uma vez ligados, permanecem nesse estado. Além disso, o autor afirma que se as crianças não viverem esse apego caloroso e contínuo, mais tarde, quando mais velhos, não conseguirão desenvolver relacionamentos saudáveis, sendo que o amor da mãe para com a criança é tão importante para a saúde mental quanto as vitaminas e as proteínas para a saúde do corpo. Diante do exposto até o momento, fica fácil compreender que esse processo de ligação constitui o fundamento para o apego na vida adulta.

Quando indagadas acerca de como gostariam que fosse esse período, um grande número de cuidadoras não respondeu, o que pode ser explicado a partir da resposta anterior sobre a qual a resposta preponderante foi que “*Não*” gostariam que houvesse ocorrido de forma diferente, ou seja, há em certa medida uma justificativa para as não respostas para a próxima questão. A questão seguinte, “*Como ocorreu*” (Ex: “Como é agora”, “Do jeito que está”), e suas respostas nos relevam que é possível que a algumas tenham tido de fato mais dificuldades para se acostumarem à nova rotina do que os próprios bebês. Além disso, essas respostas nos dão indícios de que elas acreditam que a forma com a qual esse processo foi conduzido – resultando na maneira como a criança se adaptou – não poderia ter ocorrido de forma diferente. Como sugestão para melhorar esse processo, duas mães relatam a possibilidade de “*Ficar na sala*” com o bebê (Ex: “Poder ficar mais tempo na sala com ele”, “Eu tivesse ficado com ele um pouco na sala antes de ir embora”).

Sobre as mudanças ocorridas na família neste período, o que foi mais relatado é a “*mudança na rotina*” (Ex: “Mudanças na rotina familiar”, “Mudou na rotina, os horários de cada coisa”), sendo que os horários da instituição são diferentes do familiar, ou em alguns casos o bebê não possuía uma rotina estabelecida. Apenas no CEIM apareceu que não houve “*nenhuma*” mudança. Também nos relatam que houve mais “*Agitação*” (Ex: “O bebê ficou mais agitado em casa”), pois ocorreram muitas mudanças no cotidiano do bebê e o contato com várias pessoas não conhecidas. O Quadro 7, abaixo, retrata essas respostas.

Quadro 7 - Mudanças que ocorreram na família nesse período

Mudanças que ocorreram na família nesse período	Categorias	CEIM (Público) N = 17	Instituição (Privada) N = 8
	Agitação	-	02
	Mesma rotina	-	01
	Mudança na rotina	07	02
	Mudança para melhor	01	01
	Organização e disciplina	01	01
	Poucas mudanças	01	01
	Flexibilidade	01	-
	Horário de trabalho	02	-
	Afastamento do bebê	01	-
	Nenhuma	04	-
	Não respondido.	02	-

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Além disso, aparecem respostas também relacionadas à “*Organização e disciplina*” (Ex: “Organização e disciplina passaram a fazer parte”, “Tivemos mais organização e disciplina em nossa rotina”). As mudanças no “*Horário de trabalho*” (Ex: “Mudanças de horários no serviço”), podem ter ocorrido pelo fato de que o bebê não fica o período todo na instituição nos primeiros dias, então a mãe ou os familiares precisam sair mais cedo do seu trabalho. Neste sentido, Ortiz e Carvalho (2012, p. 45) relembram que

Cabe ressaltar que a incorporação de cada nova criança na estrutura da instituição provoca mudanças naturais e necessárias no seu funcionamento cotidiano, envolvendo diferentes personagens, como a criança, a família, os educadores e os demais funcionários da creche.

O processo de adaptação escolar é um período de várias mudanças que podem trazer insegurança, medo, frustração e irritação nas crianças, as quais traduzem tais sentimentos normalmente pelo choro. De acordo com Eltink (2000, p. 9), “o choro é o único meio que a criança consegue se comunicar, é uma das suas primeiras linguagens e ele pode sinalizar diversas coisas, como dor, cansaço, fome, irritabilidade, medo, dentre outras necessidades”, sendo assim, esse processo exige muita paciência, compreensão e diálogo entre a família e a instituição. A família que precisa deixar a criança na instituição deve estar consciente dessa escolha, principalmente a mãe (muitas vezes a cuidadora principal) necessita nesse período conhecer e confiar na instituição e professoras para, então, lograr passar essa confiança para a

criança.

Por outro lado, a instituição precisa se preparar para a chegada de um novo integrante e transmitir uma segurança à família. Devido a essa interpelação, é de fundamental importância que as esferas envolvidas nesse processo estejam em sintonia, uma vez que a adaptação é um processo que envolve criança, família e instituição. Rossetti-Ferreira et al (2011, p. 51- 52) chama a atenção para essas questões.

Se engana quem acha que só a criança enfrenta mudanças na entrada na creche. Sua reação pode ser a mais evidente. Mas família também sofre nesse processo. As mudanças não ocorrem só na rotina da família, que tem de encaixar os horários da creche no seu dia a dia. Muda também a forma de encarar a educação e o cuidado de sua criança (...). E não é só a criança e a família que enfrentam mudanças. O educador também precisará se adaptar, descobrindo pouco a pouco, nesta criança e nesta família, seus novos parceiros do dia a dia.

Neste sentido, é de grande importância que os horários combinados – tanto os de chegada quanto de saída – sejam respeitados, pois darão segurança à criança para que aos poucos possa perceber que não foi abandonada na instituição, o que a leva a compreender que ela vem para o espaço por um período de tempo e que findo esse período, alguém retorna para buscá-la. Nesse período, as educadoras devem procurar auxiliar a criança a se familiarizar com os novos horários de alimentação e sono, respeitando seus hábitos e costumes e aproximando-os gradativamente à rotina da instituição. Da mesma maneira, a família deverá organizar a rotina dessa criança em casa para que o processo possa ser bem conduzido.

Quadro 8 - Orientações recebidas da equipe institucional

	Categorias	CEIM	Instituição
		(Público) N = 17	(Privada) N = 8
Orientações recebidas da equipe institucional.	Tranquilidade e segurança.	04	04
	Confiança na professora	01	01
	Bilhetes e informativos.	02	-
	Despedida curta.	05	-
	Orientações diárias	03	02
	Horários, o que mandar na mochila para o bebê.	03	-
	Nenhuma	04	01
	Não respondido.	-	01

Fonte: elaborado pelas autoras com base nos dados fornecidos pelos questionários.

Ao questionarmos sobre o tipo de orientação que foi repassada pelas instituições em relação ao processo adaptativo, percebemos que grande parte dos cuidadores foram orientados pelas professoras na sala que indicaram para que as mães transmitissem “*tranquilidade e segurança*” para o bebê (Ex: “As professoras nos orientaram passar tranquilidade para o bebê”, “As professoras nos orientaram a transmitir segurança para o bebê”) nas duas instituições. Em seguida, relataram receber da professora “*Orientações diárias*” (Ex: “As profes nos passam orientações diárias sobre o bebê”, “quando vai buscar fazem um breve comentário de como foi a manhã da criança”). Informam receber a orientação para ter “*Confiança na professora*” (Ex: “A professora nos orientou a confiar nela”, “Deixar que a profe pegue ela do nosso colo”) conforme sendo possível.

É de grande importância, porém, analisarmos que outras informações como “*Despedida curta*” (Ex: “A professora nos orientou, devemos nos despedir da criança e ir embora”, “Ser breve nas despedidas”) e “*Horários, o que mandar na mochila para o bebê*” (Ex: “Sobre alimentação os horários, mamadeiras e sobre o que mandar na mochila”, “O que deve mandar para a criança”) repassadas por alguns professoras e orientações da equipe gestora, sendo essas “*Bilhetes e informativos*” (Ex: “A equipe gestora mandou bilhete na agenda explicando sobre a adaptação), também no CEIM havia informativos espalhados pela instituição, além de um dia antes de começar o ano letivo, ter sido feita uma conversa somente

com os pais – momento que é denominado pelo CEIM como anamnese.

Balaban (1988) orienta que antes de iniciar o período letivo nas instituições de ensino, sejam organizadas reuniões coletivas e individuais com os pais para que a instituição exponha sua proposta pedagógica, os seus objetivos, explicando-lhes como se dá esse processo de adaptação, enfatizando que esse momento merece uma atenção especial.

Desse modo, os pais puderam ir até a instituição, conversar com as professoras, buscar informações para entender melhor esse período e expor informações importantes sobre os bebês, além da oportunidade de levá-los para apresentar-lhes o espaço, mostrando para a criança algo que lhe chama atenção para que ela entenda que aquele espaço é um espaço bom e de confiança de seus cuidadores. Porém, como podemos perceber nas respostas, não foram todas as famílias que tiveram a oportunidade em vivenciar esse momento, uma vez que pelo menos 4 mães afirmaram não terem recebido nenhum tipo de orientação.

Ademais, é importante ressaltar que essas informações foram repassadas aos cuidadores somente pelo CEIM, sendo que na instituição privada as únicas informações repassadas desse processo de adaptação foram feitas pelas professoras, no diálogo com os cuidadores na entrega das crianças, sendo que uma mãe relatou não ter recebido nenhuma informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os aspectos aqui analisados, podemos destacar os sentimentos negativos vivenciados pelas mães e demonstrados pelas crianças, além da importância da professora como mediadora do processo de adaptação. Assim como a teoria do apego afirma, a propensão para o apego e o vínculo afetivo está no bebê desde o momento em que nasce, porém se estabelece com o tempo e a convivência, caracterizando-se como um aspecto de grande importância no processo de desenvolvimento da criança. Com isso, percebemos vários fatores que podem interferir nesse período de adaptação do bebê, e o principal fator analisado foi como a mãe (principal cuidadora referida nesta pesquisa) sente e percebe o ingresso do bebê na instituição. Na maioria das falas, foram abordadas as dificuldades com os sentimentos negativos presentes como angústia, insegurança e preocupações.

A idade média do bebê nas duas instituições é de 10 meses, e esse fator, de acordo com a teoria de Bowlby, predispõe a estranhamento em relação a pessoas desconhecidas, ou seja, trata-se de um período mais difícil para a criança quando separada de sua mãe, pois é nesse período, dos 7 meses aos 3 anos de idade, a fase em que a criança mais afirma e vivencia a relação do apego. Porém, na presente pesquisa, os relatos feitos não estão totalmente de acordo com a teoria do apego, pois bebês de 10 meses, segundo relatos de suas mães, tiveram uma adaptação à instituição de educação infantil tranquila, sendo que nesse processo a mãe teve mais dificuldade na separação com o bebê.

A partir disso, levanta-se então a hipótese de que um apego seguro, aliado a um ambiente acolhedor e seguro para o bebê, contribuiu para a tranquilidade de ambos, sentimento explicado em algumas falas apresentadas nos questionários de mães que relataram considerar positivas as experiências dos bebês em relação às instituições, sendo que estas possibilitaram o aprendizado, estabelecendo uma rotina e a interação entre as crianças. As instituições de educação infantil precisam estruturar-se em complementariedade com a educação familiar, devendo haver uma junção positiva em prol do bom desenvolvimento da criança, cada uma com sua função, mas, com único objetivo, para poder desempenhar o seu papel da melhor forma possível. Neste sentido é importante citar Icampi Tiba (1996 p. 140) que diz: “O ambiente escolar deve ser de uma instituição que complemente o ambiente familiar do educando, os quais devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno”.

Como futuras educadoras, percebemos que é necessário conhecer e entender os sentimentos presentes nestas relações de adaptação entre bebê, família e instituição, para que

assim seja oferecido auxílio a essas mães, pois necessitam acolhimento. Dessa forma, é de extrema importância que a mãe receba por parte da instituição e educadores orientações e informações de como o bebê está se desenvolvendo e interagindo, escutando-as para esclarecer suas dúvidas e possibilitando que estabeleçam uma relação dialogada e de confiança. Não há maneira de definir um padrão para todos que passam por esse processo, pois cada bebê se desenvolve e encara esse período de forma diferente, e diversos fatores influenciam e interferem.

Com a presente pesquisa, conseguimos responder algumas questões, porém percebemos que existem alguns pontos que não conseguimos contemplar. Pensando em uma provável continuação desta pesquisa, acreditamos que seria mais relevante se a mesma fosse realizada através de entrevistas pois, dessa maneira, alguns pontos relatados seriam melhor esclarecidos. Além disso, apontamos também a dificuldade da realização da presente pesquisa com os cuidadores haitianos, 8 no total, presentes no CEIM devido a diferenças linguísticas. Dessa forma, não obtivemos sucesso nem em uma conversa inicial com eles, nem mesmo na entrega dos questionários, pois relataram não entender as questões apresentadas.

Neste mesmo sentido, outro aspecto destacado para estudos futuros é a diferença do sentimento de mãe/cuidadores que já tiveram outras experiências de adaptação com outros filhos e mães/cuidadores que por sua vez estejam enfrentando esse momento com o seu primeiro filho, quais são os diferentes sentimentos? É possível ser mais tranquilo após outras experiências? Ou os sentimentos negativos ainda permanecem presentes em todos os momentos independente de já ter experiência?

Com a presente pesquisa, enquanto acadêmicas, podemos sentir a falta de um componente curricular que aborde esse assunto na academia, para que futuros educadores estejam melhor preparados nesse período de adaptação tão complexo presente em todas as fases da educação infantil – desde o berçário até a pré-escola – fazendo com que esse processo ocorra da melhor forma possível para todas as partes envolvidas.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche: que lugar é este?** In: 27ª Reunião Anual ANPED, Caxambu, 2004. Disponível em: <http://>. Acesso em: 19 out. 2017.
- BRASIL. **Constituição Federal**. 1988. Disponível em: <>. Acesso em: 27 out. 2017.
- BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <>. Acesso em: 26 set. 2017.
- DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, 2005. p. 12-24.
- DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DIESEL, Marlete. Adaptação escolar: sentimentos e percepções do educador diante da questão. **Revista do Professor**, n.19, Porto Alegre, 2003. p.10-13.
- ELTINK, Caroline Francisca. **Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de inserção de bebês em uma creche**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2000.
- FERREIRA, Gisele Vieira. **O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos**. 2007. 64 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Psicologia Clínica - Infância e Família, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12295/000605262.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.
- GONÇALVES, Fernanda; GONÇALVES, Gisele. É hora da roda, vamos ouvir uma história? A contação de histórias como possibilidade de humanizar tempos e espaços na educação infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 15, n. 27, jan. 2013. p. 144-167. ISSN 1980-4512. Disponível em: <>. Acesso em: 19 out. 2017.
- KRIEGER, Maria da Graça Taffarel. **A Educação Infantil e sua importância na construção social da criança**. 2009. Disponível em: <www.ulbra.br/ead/artigos/pedagogia01.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.
- LYRA, Pompéia de Villachan. **Relação de apego mãe-criança: um olhar dinâmico e histórico-relacional**. Recife, 2007.

MAHLER, Margaret. **O processo de separação-individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MARCELINO, Luciane Quintiliano N. **A importância da educação infantil**. Rio de Janeiro, 2010.

MAZON, Gislaine Luna; GUARNIERI, Melissa. **A adaptação e o acolhimento da criança na educação infantil**: o papel da comunidade escolar. 2017. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1311>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PERIN, Alcionéia Zanguebusche Correa; SIGEL, Claudia Aparecida. **O período de adaptação nos centros de educação infantil**: um estudo sobre a formação dos professores no município de Chapecó. 2017. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1321>>. Acesso em: 31 maio 2018.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? **Psic.: Teor. e Pesq.** [online], v. 26, n.1, 2010. p. 25-33. ISSN 0102-3772. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2017.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância de atenção de pais e educadores. Cadernos de Educação Infantil, n. 16, Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, A. **Adaptação de bebês a creche**: o ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida, 1999. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 1999.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITÓRIA, Telma. Processos de adaptação na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, 1993. p. 55-64.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 4, n. 2, 1994. p. 35-44.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. **Os fazeres na Educação Infantil**, 12. ed. São Paulo: Cortez, Ribeirão Preto, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K. **Relações afetivas na família e na creche durante o processo de inserção de bebês**. Trabalho apresentado no IV Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança de 0 a 6 anos, Brasília, 1996.

AMORIM, K.; VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Rede de significações: Perspectiva para análise de inserção de bebês na creche. **Cadernos de pesquisa**, 109.

SILVA, Aline Patrícia da. **A influência das brincadeiras no processo de socialização de crianças de 2 a 3 anos**. 2014. 32 f. Monografia (Especialização em Educação), UCEFF,

Chapecó, 2014.

TIBA, Icamp. **Disciplina, limites na medida certa**. 41ª ed. São Paulo: Gente, 1996. 240p. _____ **Disciplina, limites na medida certa**. *Novos paradigmas ed. rev. atual. e ampl* – São Paulo: Integrare Editora, 2006.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Bluche, 2012. (Coleção Interações).

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre. ArtMed, 1998.

ANEXOS

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante, Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES E DIFICULDADES NA SEPARAÇÃO ENTRE CUIDADOR E O BEBÊ”**, desenvolvida por Caroline Kolakowski e Odaísa de Almeida, discentes de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó, sob orientação da Professora Alessandra Bonassoli Prado.

O objetivo central do estudo é descrever como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação dos bebês em sua inserção na educação infantil, O convite de sua participação na pesquisa, se deve ao fato de que o trabalho será realizado com cuidadores (as) de bebês de três meses a dois anos de idade, de uma escola Privada e um Ceim no município de Chapecó. Sua participação é extremamente importante e sem ela não poderíamos estar realizando esta pesquisa.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Participando desta pesquisa você estará contribuindo para discussões e reflexões sobre o processo de adaptação dos bebês na educação infantil vivenciado pelos cuidadores. Sua participação também é muito importante para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das acadêmicas Caroline Kolakowski e Odaísa de Almeida.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um de questionário que será entregue pelas pesquisadoras do projeto. O tempo de duração do questionário é aproximadamente uma hora.

Os riscos desta pesquisa para os participantes serão pequenos e envolvem risco de constrangimento e emocional, pois ao abordar o tema o participante pode estar vivenciando alguma dificuldade no processo de adaptação da criança a creche. Neste sentido, não se pode descartar a possibilidade de desconforto emocional relacionado aos questionamentos que serão realizados. Assim, caso haja qualquer mobilização de ordem emocional, se for de vontade do participante será interrompida a pesquisa, e o mesmo será encaminhado, se necessário, a atendimento psicológico da rede pública ou particular a fim de minimizar os danos causado. O encaminhamento será realizado pelas pesquisadoras e prioritariamente gratuito. Se pela rede pública aos centros de atendimento psicossocial e por psicológico particular, o custeio será de responsabilidade das pesquisadoras.

O benefício da pesquisa em âmbito social é que o conhecimento produzido poderá

subsidiar projetos para acolhimento das dúvidas e angústias dos pais e para capacitação de professores e instituições de ensino. A pesquisa trará reflexões que poderão esclarecer pais e professores sobre o período de adaptação na educação infantil. Outra contribuição da pesquisa é saber se há a necessidade de qualificação para os membros da comunidade escolar quanto ao como auxiliar e orientar os pais, assim como quanto a acolher e vincular-se a criança em seu período de adaptação à creche. A Relevância científica da pesquisa é que existem poucas pesquisas feitas sobre o processo de adaptação a partir desta perspectiva teórica que diz respeito à Teoria do Apego.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados aos participantes por meio de um folder ou uma palestra a depender da disponibilidade da instituição e dos pais.

Chapecó, ___ de _____ de 2018.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Os pesquisadores, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Alessandra Bonassoli Prado

Pesquisadora responsável
 Telefone: (48) 991669101
 Email: sanaprado@gmail.com

Caroline Kolakowski

Assistente da pesquisa
 Telefone: (49) 988684910
 Email: caroline1996_cco@hotmail.com

Odaísa de Almeida

Assistente da pesquisa

Telefone: (49) 991966887
 Email: odaisa_almeida@hotmail.com

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745 E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=prop
pg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil).

Anexo B**Nº do questionário:** _____**Idade:** _____ **Formação:** _____**Sexo:** _____ **Vínculo com a criança:** _____**Períodos que a criança fica na instituição:** () Matutino () Vespertino () Integral**Idade da Criança (meses):** _____**Quais os principais cuidadores:** _____**Período:** _____**Tempo que passa com a criança:** _____**Têm irmãos:** _____ **quantos:** _____**Ordem de nascimento:** _____**Questões:**

- A adaptação foi realizada em que período?
- Quanto tempo levou o período de adaptação?
- O que você procurou fazer para auxiliar neste processo?
- Como você, cuidador, se sente em relação a esse momento?
- Como foi este período de adaptação para você?
- Você gostaria que tivesse ocorrido de forma diferente?
- Como gostaria que fosse?
- Quais mudanças ocorreram na família nesse período da adaptação do bebê? Em sua vida?
- Que tipo de orientação os cuidadores recebem dos professores ou da equipe gestora?

Anexo C

Parecer Consubstanciado do CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa:

ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES E DIFICULDADES NA SEPARAÇÃO ENTRE CUIDADOR E O BEBÊ. Pesquisador:

Alessandra Bonassoli Prado Área Temática: Versão:

2 CAAE:

79740117.6.0000.5564 Instituição Proponente:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.505.144

Apresentação do Projeto: TRANSCRIÇÃO DESENHO: A presente pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa exploratória pois, envolve a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, tendo como objetivo compreender mais sobre o assunto, podendo no final da pesquisa construir hipóteses. A pesquisa exploratória “envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”. (GIL, 2007). Os participantes da pesquisa serão aproximadamente 40 cuidadores dos bebês que estão em processo de adaptação nas instituições de educação infantil, o que representa contato com e convite em participar da pesquisa de todos os responsáveis naquela turma. Ou seja, o responsável indicado, no início do ano letivo por deixar e pegar a criança na creche, será convidado a responder um questionário sobre o processo de adaptação à creche. Os participantes serão convidados pessoalmente a participar da pesquisa. Para tal será conduzido a uma sala reservada, disponibilizada pela instituição, estes serão informados do objetivo da pesquisa e convidados a participar. Considerando que cada turma é

composta por 25 crianças, estimamos que a amostra será aproximadamente quarenta cuidadores. Destaca-se, deste modo, que todos os cuidadores serão convidados a participar da pesquisa, sendo que aproximadamente 34 cuidadores responderam o questionário tendo prazo de cinco dias para a devolução e 6 serão convidados a responder o questionário oralmente. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados aos participantes por meio de um folder ou uma palestra a depender da disponibilidade da instituição e dos pais.

RELATORIA: ADEQUADO.

TRANSCRIÇÃO RESUMO: Ao optarmos pela realização desta pesquisa partimos do pressuposto que o ingresso nas creches se constitui em uma transição muito importante no desenvolvimento dos bebês, tendo como tema desta pesquisa a Adaptação a educação infantil, pois é este período que bebês são inseridos em um novo microssistema, com pessoas, objetos,

símbolos, regras e interação diferentes dos que constituem o microsistema familiar, período este que buscaremos estudar. Essa inserção do bebê neste novo microsistema constitui-se, geralmente, em uma experiência dolorosa, tanto para as crianças como para seus cuidadores, partindo deste pressuposto temos como objetivo descrever como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação dos bebês em sua inserção na educação infantil. A presente pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa exploratória pois, envolve a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, tendo como participantes aproximadamente 40 cuidadores dos bebês que estão em processo de adaptação nas instituições de educação infantil. Ao fim desta pesquisa esperamos compreender como ocorre a adaptação de bebês em turmas de berçário, as mudanças que ocorrem nesse processo de separação, a importância e as consequências desta na relação entre cuidador e bebê, ainda a melhor compreensão das dificuldades e sentimentos dos cuidadores no processo de adaptação, assim como práticas da instituição que podem facilitar ou prejudicar este processo. Por fim esperamos que as reflexões feitas nesta pesquisa possam trazer benefícios para as pessoas que estão passando por este processo, trazendo mais clareza e possibilidades neste período de adaptação.

RELATORIA: ADEQUADO.

Objetivo da Pesquisa: TRANSCRIÇÃO OBJETIVOS: Objetivo Primário: Descrever como os cuidadores vivenciam e percebem o processo de adaptação dos bebês em sua inserção na educação infantil. Objetivo Secundário: Descrever quais as atitudes dos cuidadores no período da adaptação na educação infantil em relação à criança e ao professor; Identificar sentimentos envolvidos no processo de adaptação; Verificar quais informações os cuidadores possuem sobre o processo de adaptação; Verificar como os cuidadores avaliam o processo de adaptação; Identificar e descrever as possíveis mudanças na dinâmica familiar decorrentes da inserção da criança na educação infantil.

RELATORIA: ADEQUADOS.

TRANSCRIÇÃO HIPÓTESE: O processo de adaptação a creche é percebido pelos cuidadores como difícil e vivenciam diferentes sentimentos em relação a creche, ao professor e a criança.

RELATORIA: ADEQUADA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: TRANSCRIÇÃO RISCOS: Os riscos desta pesquisa para os participantes serão pequenos e envolvem risco de constrangimento e emocional, pois ao abordar o tema o participante pode estar vivenciando alguma dificuldade no processo de adaptação da criança a creche. Neste sentido, não se pode descartar a possibilidade de desconforto emocional relacionado aos questionamentos que serão realizados. Assim, caso haja qualquer mobilização de ordem emocional, se for de vontade do participante será interrompida a pesquisa, e o mesmo será encaminhado, se necessário, a atendimento psicológico da rede pública ou particular a fim de minimizar os danos causados. O encaminhamento será realizado pelas pesquisadoras e prioritariamente gratuito. Se pela rede pública aos centros de atendimento psicossocial e por psicológico particular, o custeio será de responsabilidade das pesquisadoras

RELATORIA: ADEQUADOS

TRANSCRIÇÃO BENEFÍCIOS: O benefício da pesquisa em âmbito social é que o conhecimento produzido poderá subsidiar projetos para acolhimento das dúvidas e angústias dos pais e para capacitação de professores e instituições de ensino. A pesquisa trará reflexões que poderão esclarecer pais e professores sobre o período de adaptação na educação infantil. Outra contribuição da pesquisa é saber se há a necessidade de qualificação para os membros da comunidade escolar quanto ao como auxiliar e orientar os pais, assim como quanto a acolher e vincular-se a criança em seu período de adaptação à creche. A Relevância científica da pesquisa é que existem poucas pesquisas feitas sobre o processo de adaptação a partir desta perspectiva teórica que diz respeito à Teoria do Apego.

RELATORIA: ADEQUADO.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: TRANSCRIÇÃO MÉTODO: A presente pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa exploratória pois, envolve a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, tendo como objetivo compreender mais sobre o assunto, podendo no final da pesquisa construir hipóteses. A pesquisa exploratória “envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”. (GIL, 2007).

3.2 UNIVERSO DE PESQUISA presente pesquisa será realizada com duas turmas de Berçário em duas instituições de educação infantil diferentes (com autorização prévia das instituições), uma Escola da rede privada localizada no centro da cidade e em um Centro de Educação Infantil Municipal localizado em um bairro, em um município de médio porte no estado de Santa Catarina. Ambas possuem vínculo com a Universidade Federal da Fronteira Sul como campo de estágio, embora a pesquisadora que realizará o contato com os pais não possua nenhum vínculo com a instituição. Os participantes da pesquisa serão aproximadamente 40 cuidadores dos bebês que estão em processo de adaptação nas instituições de educação infantil, o que representa contato com e convite em participar da pesquisa de todos os responsáveis naquela turma. Ou seja, o responsável indicado, no início do ano letivo por deixar e pegar a criança na creche, será convidado a responder um questionário sobre o processo de adaptação a creche. Considerando que cada turma é composta por 25 crianças, estimamos que a amostra será aproximadamente quarenta cuidadores. Destaca-se, deste modo, que todos os cuidadores serão convidados a participar da pesquisa, sendo que aproximadamente 34 cuidadores responderam o questionário tendo prazo de cinco dias para a devolução e 6 serão convidados a responder o questionário oralmente. Os critérios de inclusão desta pesquisa serão: - ter no mínimo 18 anos; - ser cuidador de um bebê com idade entre 3 meses e 2 anos;- ter o bebê matriculado na escola ou CEIM em que a pesquisa será realizada e estar entre o primeiro e segundo mês do ingresso da criança a creche; - o bebê pelo qual o cuidador é responsável estar ou ter passado em período de adaptação recentemente, de até um mês após a entrada da criança na instituição de educação infantil..Os critérios de exclusão serão: - O bebê/criança ter passado por período de adaptação em outra instituição de educação infantil no mesmo ano em que está sendo matriculado nas escolas selecionadas para pesquisa. Podendo ser colônia de férias ou creche, ou seja, já adaptada a rotina diária de um Centro de Educação Infantil. - Caso o participante apresente qualquer desconforto emocional ao participar ou responder alguma questão apresentada.

3.3 COLETA DE DADOSPrimeiramente

realizamos algumas leituras relacionadas ao tema da pesquisa: educação infantil, padrões de apego, a escolha de cuidados alternativos para os bebês, o processo de adaptação e a relação mãe e bebê. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, os dados dessa pesquisa serão coletados através de um questionário que será aplicado para os cuidadores que possuem seu bebê matriculado e no período de adaptação na educação infantil, no CEIM do município e na escola Privada, durante o mês de fevereiro de 2018, em ambos os turnos, no período em que os pais buscam as crianças para irem para casa. Priorizamos o questionário com perguntas abertas por acreditar que dessa forma os participantes irão expressar suas opiniões, sentimentos livremente e usando a linguagem própria. Marconi e Lakatos (2003, p. 201) afirmam que o questionário é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Os participantes serão convidados pessoalmente a participar da pesquisa. Para tal será conduzido a uma sala.

RELATORIA: ADEQUADO.

TRANSCRIÇÃO CRITÉRIOS INCLUSÃO: - ter no mínimo 18 anos; - ser cuidador de um bebê com idade entre 3 meses e 2 anos; - ter o bebê matriculado na escola ou CEIM em que a pesquisa será realizada e estar entre o primeiro e segundo mês do ingresso da criança a creche; - o bebê pelo qual o cuidador é responsável estar ou ter passado em período de adaptação recentemente, de até um mês após a entrada da criança na instituição de educação infantil.

TRANSCRIÇÃO CRITÉRIOS EXCLUSÃO:

- O bebê/criança ter passado por período de adaptação em outra instituição de educação infantil no mesmo ano em que está sendo matriculado nas escolas selecionadas para pesquisa. Podendo ser colonia de férias ou creche, ou seja, já adaptada a rotina diária de um Centro de Educação Infantil. - Caso o participante apresente qualquer desconforto emocional ao participar ou responder alguma questão apresentada.

RELATORIA: ADEQUADOS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: O Protocolo foi adequado conforme legislação vigente e os pesquisadores atenderam as pendências destacadas no Parecer número 2.393.054. Segue aprovado.

Recomendações: O Protocolo foi adequado conforme legislação vigente e os pesquisadores atenderam as pendências destacadas no Parecer número 2.393.054. Segue aprovado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O Protocolo foi adequado conforme legislação vigente e os pesquisadores atenderam as pendências destacadas no Parecer número 2.393.054. Segue aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP: Prezados (a) Pesquisador(a) A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012. Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do

Pesquisador”.

Lembre-se que: 1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.

2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.

3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida: Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br; Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta; Contate a “central de suporte” da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online. Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento Arquivo Postagem Autor Situação Informações Básicas do Projeto
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1025629.pdf
23/12/2017 16:40:53

Aceito

Recurso Anexado pelo Pesquisador

Carta_de_pendencias.pdf 23/12/2017
01:19:47

CAROLINE KOLAKOWSKI

Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador
Projeto.pdf 23/12/2017

01:11:31

CAROLINE KOLAKOWSKI

Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência
TCLE.pdf 23/12/2017

01:09:07

CAROLINE KOLAKOWSKI

Aceito

Folha de Rosto Folha_de_rosto_modificado.pdf 20/12/2017

23:52:58

Alessandra Bonassoli Prado

Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura

Declaracao_ceim.pdf 06/11/2017

20:59:15

Alessandra Bonassoli Prado

Aceito

Declaração de Pesquisadores

Declaracao_pesquisadoras.pdf 06/11/2017

20:57:43

Alessandra Bonassoli Prado

Aceito

Declaração de Instituição e

Autor_col_Dinamico.pdf 06/11/2017

20:13:00

Alessandra Bonassoli Prado

Aceito

Infraestrutura Autor_col_Dinamico.pdf 06/11/2017

20:13:00

CHAPECO, 21 de Fevereiro de 2018

Assinado por: Valéria Silvana Faganello Madureira (Coordenador)

Aceito

Outros Quest_para_os_cuidadores.pdf 06/11/2017

20:12:01

Alessandra Bonassoli Prado

Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899 UF: SC Município: CHAPECO Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br